

EM SINTRA, AS MÁSCARAS USADAS TRANSFORMAM-SE EM MOBILIÁRIO URBANO

Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Sintra (SMAS Sintra) e outras entidades do município estão a levar a cabo um projecto piloto de promoção da recolha selectiva e de combate ao desperdício. Nesta iniciativa, as máscaras descartáveis vão ser transformadas em mobiliário urbano e os têxteis poderão ganhar uma nova vida através de uma loja virtual.

SÓNIA SUL

No início de 2022, os SMAS Sintra, em parceria com a câmara municipal de Sintra (CM Sintra) e a app para a redução de desperdício têxtil *To Be Green*, spin-off da U. Minho, avançaram com o *Projecto de Reciclagem e Valorização de Máscaras e Têxteis*. O combate ao desperdício e à poluição associados ao descarte destes materiais é o que os une, e a outros parceiros, neste piloto de sensibilização ambiental e participação cívica que vai transformar máscaras descartáveis em mobiliário urbano e disponibilizar a doação ou a troca de têxteis que continuam em bom estado. “A partir do momento em que nos foi lançado o de-

safio [pela To Be Green], tivemos algumas reuniões de trabalho para perceber a forma como o processo se poderia desenrolar, e é isso que estamos a tentar desenvolver agora no concelho”, conta Carlos Vieira, director delegado dos SMAS Sintra. A iniciativa desdobra-se em duas vertentes: por um lado, pretende evitar e reduzir a deposição em aterro ou o encaminhamento para incineração de máscaras, nomeadamente descartáveis, fomentando quer a sensibilização para o correcto descarte, quer a revalorização; por outro, procura promover o consumo consciente de têxteis e o respectivo reaproveitamento numa lógica circular, dando também um passo para o cumprimento da recolha selectiva de têxteis, que passará a



ser obrigatória nos países europeus a partir de 2025. Sublinhando que “uma das maiores preocupações” que existe no país é o aumento da recolha selectiva, o responsável municipal vê, neste projecto bidimensional, uma oportunidade para alavancar “um acréscimo” nesses números “de que tanto Sintra, como Portugal, precisam” e um “exemplo de boas práticas.”

UM “NOVO OLHAR” SOBRE A PROBLEMÁTICA

O flagelo das máscaras descartáveis que vão parar ao chão ou ao contentor indiferenciado, precipitado pela pandemia de Covid-19, coloca a olho nu aquilo que Carlos Vieira descreve como “pouca sensibilidade ambiental”. Uma máscara demora 300 a 400

anos a decompor-se e é com este peso ambiental que o projecto sintrense procurou uma alternativa. Num “novo olhar”, as máscaras descartáveis passam a ser vistas como uma oportunidade: do processo de reciclagem em centros de armazenamento instalados em edifícios reabilitados para esse fim, o resultado é um polímero, um plástico resistente, durável e apto para qualquer tipo de molde, que é aproveitado para criar mobiliário urbano – mesas e bancos de jardim, pilares, vasos, placas de sinalização, etc. – e outros materiais, como objectos de divulgação e promoção de Sintra, moldes para desenho e símbolos em plástico. Ainda antes de o projecto arrancar, os SMAS Sintra demonstraram, no Natal passado, esta possibilidade, produzindo enfeites a partir de máscaras cirúrgicas recicladas, após trituração e compressão, que foram oferecidos às entidades do concelho e aos colaboradores e munícipes. “Parece-nos uma solução muito interessante e inovadora que poderá fazer caminho noutros municípios em Portugal”, descreve o representante dos SMAS, acrescentando que, quanto às máscaras de pano ou comunitárias, o processo de tratamento será a esterilização e reciclagem.

A esfera de actuação do *Projecto de Reciclagem e Valorização de Máscaras e Têxteis* abrange também a recolha selectiva de têxteis, desde vestuário, até lençóis e toalhas, encaminhados para o Banco de Recursos da CM Sintra, onde uma equipa efectua a triagem. Neste passo rumo ao cumprimento das exigências que se avistam, é dinamizada ainda uma loja social virtual, suportada pela app *To Be Green*, que disponibiliza roupa em segunda mão em bom estado numa lógica circular – as peças depositadas podem ser trocadas por outras, através de um sistema de pontos, ou doadas a instituições de solidariedade. De acordo com Ana Simão, chefe de divisão de auditoria, Sistema de Gestão Integrado e comunicação dos SMAS Sintra, esta funcionalidade de troca pretende ser uma “vertente apelativa aos jovens”, o principal grupo-alvo. É um “pequeno mercado de trocas” que reflecte e apologistiza, a montante, um consumo mais sustentá-



vel, nascendo do desafio do impacto ambiental associado ao sector têxtil. “Para produzir uma t-shirt, temos de utilizar cerca de 2 700 litros de água, [o que é] uma brutalidade; se formos para umas calças de ganga, são cerca de 10 mil litros. Ninguém faz ideia deste tipo de consumos, para mais numa altura em que se fala da escassez de água, que também é outra problemática”, refere Carlos Vieira, defendendo a sensibilização, o reaproveitamento quando possível e a efectiva reciclagem quando as condições de uso já não são adequadas.

INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA MUNICIPAL

A favor da sustentabilidade económica, social e ambiental, o projecto assenta na sensibilização da população. Para isso, conta ainda com quatro juntas de freguesia envolvidas numa primeira fase – União das Freguesias de Aqualva e Mira Sintra, Algueirão-Mem Martins, Rio de Mouro e União das Freguesias de Sintra –, ancorando, nesses territórios, duas IPSS por cada freguesia, as 16 escolas de 2.º e 3.º ciclos e secundárias e alguns centros de saúde. Estes locais, incluindo os postos de atendimento da CM e dos SMAS de Sintra, não só são um ponto de recolha de máscaras e de resíduos têxteis, com contentores específicos para o efeito (sendo os sacos para o transporte da roupa em bom

estado feitos já a partir de algodão reutilizado), como são uma ponte para a sensibilização por via de folhetos. Além disso, na comunidade escolar de 15 200 alunos, têm sido dinamizadas acções de esclarecimento e de sensibilização, nas quais são explicados os processos de transformação de máscaras e de reutilização de têxteis e abordados temas relacionados com a sustentabilidade ambiental e a economia circular. “É um universo já interessante e que nos vai permitir perceber melhor qual vai ser a adesão a esta solução”, afirma Carlos Vieira, revelando-se optimista.

Nas palavras do responsável, há espaço para o alargamento a outros parceiros, havendo já empresas que “têm mostrado interesse em aderir ao projecto”, mas será numa “próxima fase”. “Nesta fase [piloto], precisávamos de delimitar o âmbito da solução” para analisar, no final de 2022, os resultados e “extrapolar para todo o universo do concelho de Sintra” os passos seguintes, percebendo se é possível expandir a iniciativa e, se sim, em que moldes. O projecto vai ainda contribuir para informar a definição da actuação municipal no âmbito da implementação e execução da *Estratégia de Intervenção na Gestão e Recolha Selectiva de Têxteis*. “Nós [Sintra] fizemos um caminho interessante, mas temos muito para fazer em termos de recolha selectiva e os próximos anos serão decisivos nesta matéria.” **sc**